

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Cursos Gerais — Agrupamentos 3 e 4

Duração da prova: 120 minutos
1999

1.ª FASE
2.ª CHAMADA

PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

COTAÇÕES, CRITÉRIOS E SUGESTÕES DE CLASSIFICAÇÃO

A INDICAÇÃO DO NÚMERO DE LINHAS/PALAVRAS VISA APENAS ORIENTAR O ALUNO RELATIVAMENTE AO GRAU DE DESENVOLVIMENTO DA RESPOSTA, PELO QUE NÃO SE PROPÕE QUALQUER PENALIZAÇÃO PARA O NÃO CUMPRIMENTO DESSA INDICAÇÃO.

GRUPO I

Questões 1. e 2.

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Rigor da análise	10 pontos
Coerência lógica do discurso.....	7 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica.....	4 pontos
Correcção da expressão escrita	4 pontos
TOTAL	25 pontos
TOTAL das Questões 1. e 2. (2 × 25) =	50 pontos

- A inadequação da resposta à questão formulada implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A mera transcrição de frases do texto implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.

Questão 3.

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Adequação dos conhecimentos mobilizados.....	35 pontos
Coerência lógica do discurso.....	15 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica.....	10 pontos
Correcção da expressão escrita	10 pontos
TOTAL da Questão 3. (1 × 70) =	70 pontos

- A inadequação da resposta à questão formulada implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- Se a resposta não manifestar conhecimento da obra, a pontuação será de 0 (zero) pontos.

TOTAL DO GRUPO I 120 pontos

V.S.F.F.

114/C/1

Como sugestões de correcção, apresentam-se os seguintes tópicos:

GRUPO I

DA NATUREZA, Parménides

1. O ser tem limites.
É cheio, pleno, completo.
Cada um dos pontos da circunferência é simultaneamente princípio e fim.
2. Não existindo o não-ser, os mortais não deviam denominar ou descrever o ser "de forma contrária".
Só o ser é. Logo, só deviam ter nomeado uma forma.
Ao ser se referem todos os nomes.
3. A via da Verdade e a via da Opinião.
Identidade entre o ser e o pensar.
Ser, contrário de não-ser.
Conflito entre a experiência sensível e a realidade pensável.

GÓRGIAS, Platão

1. Distinguem-se pelos seus objectivos:
 - uma visa o prazer (dinheiro, poder) e não é mais do que uma forma de adulação, sem dignidade;
 - outra visa aperfeiçoar (honestamente) o objecto dos seus cuidados: o corpo ou a alma.
2. Examinar se conhecem a arte a que vão dedicar-se:
 - aferindo o valor dos seus mestres;
 - praticando essa arte sob a sua orientação;
 - pondo-se à prova, realizando previamente, sozinhos, obras de valor.
3. O que se deve exigir ao estadista:
 - aptidão para as suas tarefas;
 - uso da "retórica verdadeira" – ensinando a justiça;
 - disposição para servir o povo – lutar no sentido de melhorá-lo o mais possível.

O que caracteriza o filósofo: a cultura e a prática da verdadeira arte política.
A escolha do género de vida: a retórica e a filosofia.

FÉDON, Platão

1. O filósofo tenta libertar a alma do corpo, impedindo que ela se abandone a prazeres e sofrimentos; segue na via do raciocínio e não da opinião; deseja a morte, como libertação.
2. Diferentes destinos para as almas dos filósofos e as "do comum das pessoas":
 - a alma dos filósofos, ao separar-se do corpo, irá reunir-se ao que é conforme à sua natureza;
 - a alma do comum das pessoas, chegando ao Hades impura, não tarda a reencarnar.
3. A imortalidade da alma e a concepção ascética da vida.
Existência anterior da alma – conhecimento dos seres inteligíveis.
Natureza da alma, simples e incorpórea – semelhança com os seres inteligíveis.
O simples como não decomponível por natureza.
As representações inteligíveis como objecto de fundamentação da imortalidade.
Confiança perante a morte: perfil espiritual do filósofo, razão, crença.

CATEGORIAS, Aristóteles

1. Substâncias primeiras:
 - entes individuais, não são ditas de nenhum sujeito e são auto-subsistentes;
 - têm primazia – são «sujeitos de...».Substâncias segundas:
 - predicam-se das primeiras – espécies, essências;
 - definem essencialmente as substâncias primeiras.
2. A definição:
 - responde à pergunta «o que é?» – exprime-se por uma frase predicativa;
 - consiste na indicação da essência, feita pela diferença específica dentro do género.
3. Demonstra que a obra trata das coisas que existem: relação de predicação – ser predicado de um sujeito – é uma relação entre coisas e não entre um nome e uma coisa.
A distinção entre predicação e inerência – existir em um sujeito – permite distinguir dois tipos de estrutura lógica que a frase predicativa pode possuir e que a linguagem não evidencia:
 - o homem é um animal – relação de predicação (animal predica-se de homem);
 - o corpo é branco – relação de inerência (o branco existe no corpo).Concretização da distinção entre coisas sinónimas, homónimas e parónimas.

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, R. Descartes

1. Falibilidade dos nossos juízos antes do "inteiro uso da razão".
Confiança excessiva na capacidade de julgar.
Precipitação no acto de julgar.
2. Âmbito de aplicação – a procura da verdade: duvidar do que parece falso, duvidar do que é duvidoso.
Limites da dúvida no campo moral, dada a normal urgência das decisões.
3. A dúvida cartesiana – sua função e características.
A primeira certeza; os princípios do conhecimento.
Necessidade de uma garantia da verdade das ideias.

CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, J. Locke

1. Conhecimento de verdades aceites pela fé – adesão espontânea da consciência, independentemente da vontade.
Duplo âmbito desses conhecimentos:
 - uns referem-se à vontade e aos costumes – à prática;
 - outros à opinião e ao intelecto – à especulação.
2. Os dogmas especulativos apenas exigem ser acreditados.
A fé não pode ser imposta pela lei civil, pois nem sequer depende da vontade.
Os artigos de fé não interferem nem com o poder do magistrado, nem com os bens civis.

3. O que é o Estado e quais os seus poderes.
Nenhum Estado tem o direito de impor uma fé religiosa.
Os meios de que o Estado dispõe para coagir os indivíduos não são capazes de lhes inculcar crenças.
Distinção entre coisas necessárias e coisas indiferentes.
A diversidade de religiões é compatível com a salvaguarda dos interesses materiais.
A tolerância como condição de segurança e paz no Estado.

DISCURSO DE METAFÍSICA, G. W. Leibniz

1. Desconhecimento do sentido da determinação.
Obrigatoriedade de agir como se tudo dependesse de nós.
Exigência de esforço e reflexão antes da acção.
2. A vontade é livre:
 - tende sempre para o bem (ainda que apenas aparente);
 - exprime ou imita a vontade de Deus.
3. Problemática da vontade humana e da sua relação com Deus.
As substâncias encerram em si tudo quanto lhes vier a acontecer, por determinação.
As substâncias possuem a capacidade de deliberar e de decidir.
Distinção entre razão suficiente, prevista e ordenada por Deus, e imposição ou necessidade.
Gratuidade da graça divina – seu fundamento na vontade de criar o melhor dos mundos.
Princípio da harmonia preestabelecida.

FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, I. Kant

1. A boa vontade não é boa por causa das suas realizações, mas apenas pelo querer.
Não pode ser avaliada pelos seus resultados – pelo critério da utilidade.
Ainda que nada conseguisse alcançar – apesar do emprego de todos os esforços – continuaria a possuir o seu pleno valor.
É boa em si mesma.
2. Terá agido bem a natureza ao dar à razão humana o encargo de governar a vontade?
Não será pura fantasia a ideia do valor absoluto da vontade, isto é, a avaliação do seu valor independentemente da utilidade?
3. A verdadeira finalidade da natureza num ser dotado de razão e vontade não é a felicidade; a razão tem como verdadeiro destino produzir uma vontade boa em si mesma.
Vontade boa em si mesma é o bem supremo, condição de todo o bem, incluindo a aspiração à felicidade.
Só é digna de respeito a lei racional em si mesma.
Uma vontade absolutamente boa determina-se pelo princípio *a priori*, puramente formal, sem atender às motivações sensíveis – age por respeito ao dever e não apenas em conformidade com o dever – obedece à lei independentemente das inclinações sensíveis.
Impossibilidade de fundar a moral na experiência.

GRUPO II

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Plano organizador – estrutura e adequação.....	8 pontos
Mobilização de conhecimentos da obra*	20 pontos
Posicionamento crítico/problematizador**	20 pontos
Coerência lógica do discurso	20 pontos
Correcção da expressão escrita.....	12 pontos
TOTAL	80 pontos
TOTAL DO GRUPO II	80 pontos

*Desdobrável em:

- selecção correcta dos conhecimentos da obra para desenvolver o tema escolhido;
- utilização precisa da terminologia filosófica.

**A resposta deve reflectir uma apropriação pessoal dos conhecimentos, apresentando uma apreciação do modo como o tema foi tratado na obra.

- Se o aluno não identificar a obra e não **resultar óbvio** do seu texto a que obra se está a referir, ou se escolher um par obra-tema diferente dos indicados, a pontuação será de 0 (zero) pontos.
- A **inadequação da resposta** à questão implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- Dado o objectivo deste grupo, os tópicos a seguir apresentados são meras sugestões. Serão de aceitar respostas diversificadas, desde que se reportem a **um dos pares obra-tema indicados na prova** e contemplem os aspectos mencionados nos critérios.

O MESTRE, S. Agostinho

TEMA: Conhecimento da verdade

O conhecimento da verdade:

- implica o nível do discurso;
- não é um efeito do discurso (que não possui uma natureza ostensiva mas apenas admonitiva);
- é condição do reconhecimento do valor de verdade do discurso;
- é anterior ao discurso;
- não tem uma origem exterior, o mestre exterior limita-se a apontar a origem interior da verdade;
- depende da luz do Mestre interior (Cristo), que é a própria Verdade.

PROSLOGION, S. Anselmo

TEMA: Pensar e ser

Existência de realidades pensadas subordinadas ao pensamento: este pode pensá-las como não existentes.

Apenas existe uma realidade pensada que não está subordinada ao pensamento: este não pode pensá-la como não existente.

O domínio lógico exige uma existência extralógica – ontológica: pensar a essência de Deus exige a afirmação da Sua existência – Deus não pode ser pensado como inexistente.

Apenas relativamente a esta realidade, o pensamento conduz necessariamente ao ser.

O SER E A ESSÊNCIA, S. Tomás de Aquino

TEMA: A realidade dos universais

O que existe são realidades concretas, coisas (as substâncias primeiras de Aristóteles); não existem afirmações ou negações – a verdadeira realidade é a substância individual, concreta.

A individuação e a existência opõem-se à definição, que é universal.

Recusa da hipostasiação do conceito, que é abstracto.

Os universais não têm estatuto ontológico, mas apenas lógico.

REDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, S. Boaventura

TEMA: Conhecimento verdadeiro

Iluminação cognitiva:

- a iluminação do conhecimento é interior;
- existem quatro lumes – lume exterior (arte mecânica), inferior (conhecimento sensitivo), interior (conhecimento filosófico), superior (graça e Sagrada Escritura).

O verdadeiro conhecimento como justificação e fundamentação do modo de ser da criatura na análise da sua causa exemplar – Deus na origem de toda a criação, como exemplo de tudo quanto existe quer no domínio do conhecimento, quer no domínio dos existentes.

Recondução dos vários conhecimentos humanos a Deus, à Teologia.

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA, G. W. F. Hegel

TEMA: Filosofia e conhecimento científico

O conhecimento e o pensamento são elementos comuns às ciências particulares e à filosofia.

Nas ciências particulares:

- o objecto é o fenómeno, os objectos finitos;
- os fundamentos últimos são pressupostos;
- o método pressupõe a lógica e os princípios fundamentais do pensar em geral.

A filosofia, para os alemães, diferencia-se das ciências particulares, que apenas pensam a finitude. Diversidade de posicionamento perante a questão, não só na contemporaneidade de Hegel, como no começo da cultura.

A filosofia também se ocupa de coisas finitas, mas, "segundo Espinosa, enquanto permanecem na ideia divina".

A filosofia é actividade auto-activa do espírito.

TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, Antero de Quental

TEMA: Espírito e realidade

Recondução do espírito à sua unidade possível – não no plano lógico, mas no plano da existência –, mantendo a diversidade das suas manifestações.

Limitações das explicações materialistas.

Só o processo de autoconsciencialização do espírito permite responder à questão da causa última de tudo.

O espírito está presente em todos os seres (das partículas aos seres racionais).

A realidade é de natureza espiritual.

A ORIGEM DA TRAGÉDIA, F. Nietzsche

TEMA: Limites da palavra

A palavra é símbolo das aparências, é uma reprodução do fenómeno.

Os conceitos são generalizações, abstracções.

O mundo é um jogo trágico de forças em oposição (Apolo e Dionisos).

É pela arte que se produz e esclarece tudo quanto existe.

A compreensão autêntica da verdadeira essência do mundo – o Uno primordial – só se obtém pelo conhecimento trágico, pela música.

A música é a reprodução imediata da Vontade, da coisa em si.

O ser não pode ser dito pelas palavras, só a música o pode exprimir.

DA CERTEZA, L. Wittgenstein

TEMA: Saber e crença

Crença e saber são conceitos distintos.

A crença não implica a explicação das suas razões em termos de verificabilidade empírica e coerência lógica.

O saber implica a apresentação de explicações das suas razões em termos de verificabilidade empírica e coerência lógica.

A explicação dada recorre a um fundo de referências adquiridas, que estão na base de crenças, fundo que está implícito em qualquer proposição que exprima um saber ou uma hipótese.

Existência de proposições da ordem da imagem do mundo, que não derivam de qualquer outra, servem de suporte de outras e são consideradas como necessariamente válidas, mas de validade não verificável.

Os saberes devem-se a uma animalidade humana.

A base do saber reside na sociabilidade humana.

Algumas crenças têm algo de necessário e quase orgânico: são elas que conferem coerência e racionalidade à vida.

ELOGIO DA FILOSOFIA, M. Merleau-Ponty

TEMA: A condição do filósofo

O filósofo:

- tem o gosto da evidência e sentido da ambiguidade – os grandes filósofos adoptam o equívoco como tema e nele fundam certezas;
- recusa o direito de se instalar no saber absoluto, mesmo quando pretende construir uma filosofia absolutamente positiva; ensina o devir do saber absoluto; assume-se como aquele que sabe que nada sabe;
- assume o movimento incessante do saber à ignorância, e desta ao saber, como um certo repouso nesse movimento;
- conta apenas com a verdade, com ele próprio e com os outros;
- quer estar simultaneamente em toda a parte, correndo o risco de não estar nunca inteiramente em nenhuma.

A sua oposição nunca é agressiva; torna-se inquietante pela "rebelde doçura, sonhadora adesão e a presença impalpável".

Referência à situação do filósofo moderno, funcionário, escritor – continuando a admirar Sócrates, a sua antítese.

OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, B. Russell

TEMA: Conhecimento e ser

Distinção de vários tipos de conhecimento – imediato ou derivado, de coisas ou de verdades.

Reconhecimento da existência de objectos reais independentes do sujeito que conhece: "objectos físicos que possuem uma existência em si, independentemente do facto de os percepcionarmos".

Crença na possibilidade de um acesso directo aos dados dos sentidos.

A PROBLEMÁTICA DA SAUDADE, Joaquim de Carvalho

TEMA: Tempo e saudade

O tempo confere existência à saudade.

Dos três momentos do tempo – passado, presente e futuro – apenas o primeiro é determinante na saudade.

A carga afectiva do passado desperta na consciência saudosa a sua evocação, remetendo-a para essa situação emotiva.

A saudade anula a relação actual entre a consciência e o mundo, para se fixar no passado: a representação da realidade actual é desvalorizada, e a de certos momentos passados é sobrevalorizada. É o contrário da consciência apaixonada, que é consciência imersa no tempo presente.

DA ESSÊNCIA DA VERDADE, M. Heidegger

TEMA: Verdade e discurso

Definição de verdade.

Verdadeiro – coisa verdadeira ou proposição verdadeira – como aquilo que está conforme, que concorda.

A essência da verdade da proposição consiste na correcção do enunciado.

Verdade como conformidade, semelhança, referência, de um enunciado com uma coisa.

O enunciado representa a coisa.

⊗ discurso que se rege pelo ente, que é de tal modo indicador, é verdadeiro; o que é dito de tal modo é o verdadeiro.

A verdade não reside originariamente na proposição, mas a possibilidade interna do comportamento aberto concede à correcção do enunciado a reputação de realizar a essência da verdade.

TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, P. Ricoeur

TEMA: Estatuto da interpretação

Ampliação do âmbito da hermenêutica filosófica: abertura à diversidade de discursos e à acção humana.

O processo interpretativo aplicado ao texto escrito pode aplicar-se à acção humana com sentido.

A interpretação da acção humana reclama simultaneamente uma explicação causal dos acontecimentos e a compreensão intencional das motivações.

A relação entre verdade e método:

- ultrapassagem da dicotomia tradicional entre explicação (ciências da natureza) e compreensão (ciências humanas);
- afirmação da relação dialéctica entre explicação e compreensão – dar à compreensão a função de preceder, acompanhar e fechar a explicação, possibilitando a apropriação de sentido.

A condição humana como a de sujeitos interpretantes e interpretados.

A interpretação como produtora da subjectividade.